

Era uma vez na sala de aula: mídia e construção do sentido na educação - recriando narrativas

Marcia Perencin TONDATO¹
Giselda VILAÇA²

Resumo

Refletimos aqui sobre a construção de sentido no ambiente da modernidade tardia, por alunos de Comunicação de instituições de Recife, no contexto da disciplina “Teorias da Comunicação”. Como atividade de aula, pediu-se que utilizassem personagens dos contos de fadas para elaborar novas histórias no cenário contemporâneo, a partir de seus entornos socioculturais. Para análise do material tomamos como princípios teóricos: discurso e mudança social, representações midiáticas, atribuição de sentido e contos de fadas. A análise foi realizada na perspectiva da formação discursiva proporcionada pela relação entre as notícias divulgadas na mídia e o universo cultural dos sujeitos

Palavras-chave: Discurso. Comunicação. Educação. Mídia.

Abstract

Here we think about meaning construction in the late modernity environment, by communication students from institutions located in Recife, in the context of communication theories school subject. As a classroom activity, we asked the students to write new stories happening in the contemporary scenery, using fairy tales characters, based on their sociocultural environment. In order to interpret the results we take as theoretical principles: discourse and social change theories, media representations and fairy tales. The analysis was done in the perspective of the discursive formation provided by media news and its relation with the subjects' cultural universes.

Key words: Discourse. Communication. Education. Media.

Introdução

As mudanças trazidas pela evolução tecnológica digital devem ser consideradas na caracterização da atividade do ensino-aprendizagem. Isso nos leva a refletir sobre o quanto as abordagens didático-pedagógicas tradicionais atingem os indivíduos nascidos

¹ Doutora em Comunicação pela ECA-USP. Docente PPGCom-ESPM. E-mail: mtondato@espm.br

² Mestre em Linguística. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Boa Viagem (FBV) e Unicap. Pesquisadora do Grupo Educação e Consumo pelo CNPq/ESPM.
E-mail: giseldavilaca@gmail.com

no final do século XX, em meio a uma evolução que interferiu nos processos de comunicação e, conseqüentemente, nas relações sociais. Convivemos com “nativos digitais”, jovens que nasceram já no advento da tecnologia e por isso apresentam características e comportamentos diferentes daqueles de décadas atrás, os chamados “imigrantes digitais”. (VERAS, 2011, p. 1).

Scheer, citado por Lemos (2002, p. 77), acredita que hoje ao indivíduo é colocado o “desafio de produzir seu próprio espetáculo, seu próprio imaginário”. Outrossim, podemos falar em “mudança de sensibilidades, falas e práticas” (LE MOS, 2002, p. 67) decorrente do aumento dos papéis sociais que agora se constituem principalmente a partir da multiplicidade, com mais atenção ao momento atual e à expressão de coletividade.

Nossos alunos são “multitarefa”. As informações são processadas paralelamente, resultando um pensamento mais gráfico/espacial do que textual/linear. Para esse público, “os métodos de ensino e aprendizagem devem ser mais criativos, atraentes e interativos” (CECCHETTINI, 2011, p. 9), uma característica que exige capacidade e motivação para instigar o processo de aprendizagem, só alcançadas se interpretarmos os avanços tecnológicos além das possibilidades técnicas, pois,

de lo contrario la mera introducción de medios y tecnologías de comunicación en la escuela puede ser la más tramposa manera de ocultar sus problemas de fondo tras la mitología efímera de su modernización tecnológica. El problema de fondo es cómo insertar la escuela en un ecosistema comunicativo, que es a la vez experiencia cultural, entorno informacional y espacio educacional difuso y descentrado. (MARTÍN-BARBERO, 1996, p. 10).

Martin-Barbero (2006, p. 57) também afirma que no “ecossistema comunicativo” há uma difusão de saberes em diversas linguagens conectadas e organizadas através dos livros e da escola. Coloca em questão o fato da dimensão da tecnologia ser reduzida ao instrumental, não entrando no mérito da influência na estrutura do pensamento e as transformações disso resultantes. Segundo o autor (2006, p. 55, 57), a tecnologia “está conduzindo a um forte apagamento de fronteiras entre a razão e a imaginação, saber e informação, natureza e artifício [...], numa nova fusão de cérebro e informação”, na qual o computador representa principalmente um meio para que processos de informações se realizem.

Orozco Gómez (2006, p. 96) nomeia as salas de TV e navegação pela internet como “escolas sem licença” e propõe um “deslocamento da autoridade nas sociedades-audiências contemporâneas”. A facilidade de navegação permite que os alunos se considerem mais autônomos e (pensem) ter argumentos para se colocar através do diálogo e da conversação. Nesse caso, os meios de comunicação deixam de ser reprodutores dos acontecimentos sociais para se transformarem em “protagonistas”, legitimadores do verossímil.

Cada vez mais na prática do ensino-aprendizagem o “jogar” diverte, exerce fascínio e possui realidade autônoma. (HUIZINGA, 2000) Ao responderem favoravelmente ao convite para a dinâmica de grupo de contos de fadas focada nos *mass media*, os alunos fazem do jogo um uso similar aos jogos próprios da linguagem, recriando o real ao invés de espelharem ou expressarem a realidade. A função do professor seria então apresentar as palavras e “orientar os aprendentes na busca por um sentido”. (BAKHTIN, 1999, p. 71)

O caminho adotado

Considerando a relação do desenvolvimento das dimensões cognitivas com a formação de indivíduos pensantes (ARROYO, 2001, p. 44), concordamos com Baccega (1998, p. 16) quando afirma que “o homem só consegue perceber as finalidades de sua ação quando as concebe”, sendo para isso fundamental a linguagem. Resulta daí que é no diálogo que se caracteriza a interação social onde as relações são construídas, emergindo os sentidos constituintes do conhecimento. Para verificar como esses sentidos emergem na concepção dos alunos na sociedade de massa, como parte de uma atividade na disciplina Teoria da Comunicação pediu-se que individualmente escolhessem personagens de contos de fadas e escrevessem uma história em forma de narrativa, reunindo os mesmos inseridos nessa sociedade.

As histórias produzidas são aqui analisadas na perspectiva da formação discursiva proporcionada pela relação entre as notícias divulgadas na mídia e o universo cultural dos sujeitos. Destas histórias, por questão de limite de caracteres, selecionamos trechos mais representativos da intersecção proposta - contos de fada X atualidade – destacando o aspecto comunicação/tecnologia e transgressão das características

originais dos personagens. Destacamos a liberdade dada aos alunos para escreverem o que quisessem no formato de narrativas que refletissem a sua vivência e leitura do mundo,³ sem exigir visão crítica dos personagens dentro do contexto da criação.

Na atualidade, é sabido que para motivar os jovens a se engajarem no desenvolvimento acadêmico “é fundamental entendê-los”, para o que “exposição, competição, participação e colaboração” são ‘palavras-chave’. (GRACIOSO, 2001, p. ix). Diante disso, nasceu a proposta de utilização dos contos de fadas em atividade junto à disciplina “Teorias da Comunicação” como motivação para reflexões conceituais. Esses contos fazem parte da nossa cultura, passando de geração a geração, transformando-se e renovando-se em um processo contínuo, como “uma fonte inesgotável de onde podemos retirar ricas oportunidades de aprendizagem” (REIS, 2008, p. 48) uma vez que encontramos neles a magia de que precisamos, que são as palavras.

O produto final

Na concepção tridimensional do discurso - texto, discurso e sociedade - não se pode pensar textos fora dos contextos onde são produzidos e circulam. (FAIRCLOUGH, 2001) Como resultado da atividade proposta, observou-se os alunos utilizaram elementos do seu cotidiano em um discurso historicamente situado, com referências aos acontecimentos noticiados pela mídia. Assim, não se percebe apenas a atividade lúdica - um dos objetivos do trabalho - mas também o exercício de uma reflexão crítica, aliando temas em discussão na mídia com o conhecimento adquirido por cada um ao longo da sua vivência. De acordo com Tilio (2010, p. 98), um texto ou um discurso “sempre trazem referências (não necessariamente explícitas) a outros textos ou discursos aos quais seus autores tenham sido de alguma forma expostos anteriormente”.

Entendendo que “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” e que compreender um signo consiste em aproximá-lo de outros já conhecidos (BAKHTIN, 1999, p. 33),

³A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. [...]A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed.. São Paulo: Cortez, 1988, p. 22.

analisamos que a simbologia utilizada pelos alunos foi apreendida das fábulas já conhecidas segundo a compreensão individual, e recriadas conforme o contexto atual e o estoque de signos disponíveis e determinados pelas relações sociais. Isso é percebido quando relacionam fatos veiculados na mídia no momento em que ocorreu a atividade.

Era uma vez um anão que lutava pelos seus direitos. Dunga, um homossexual assumido, encontrava dificuldades para viver numa sociedade homofóbica. Seu desejo maior era de poder ter uma relação estável e dentro da lei com seu amor de infância, o Lobo.

- É complicado viver onde não respeitam sua orientação sexual. Uma sociedade moderna não pode continuar com esse tipo de atitude, disse Dunga com ar de tristeza.

- Oh, Dunga, não precisa se estressar tanto. Estamos caminhando para o fim da homofobia. O que realmente não condiz com um país livre são esses votos secretos elegerem um caçador homofóbico e racista para presidente da Comissão de Direitos Humanos.⁴

Além de leis que tiram os direitos das pessoas [...], ainda existem aquelas que acreditam terem o direito de julgar todos que não seguem uma religião. Este é o caso de Rapunzel. Ex-mulher de Edir Macedo,⁵ ela acreditava que os homossexuais eram pecadores infames e deveriam ir para o inferno no dia do juízo final.[...]

Capitão Gancho, dono de um prostíbulo, [...] sequestra Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Ariel. Peter Pan tem um caso com Cinderela e quer salvá-la. O Gato de Botas, traficante de drogas, amigo de Peter Pan, é chamado para ajudar a salvar as donzelas em perigo. Os sete anões, clientes do Gato de Botas, ajudam no resgate, porque o Capitão Gancho tem um exército e as donzelas são suas escravas. Na disputa, o Capitão Gancho mata a Cinderela e o Peter indignado mata o Capitão. Ao olhar desesperado para sua amada morta, vê uma lâmpada mágica. Esfrega-a e o gênio de Aladim lhe dá o direito a três desejos. Ele escolheu: rever a sua amada, salvar as donzelas e tirar o Gato de Botas das drogas.

Capitão Gancho, um dos signos do paradigma da maldade, é apropriado na representação de personagens maus do cotidiano urbano, como o traficante e o cafetão. Paralelamente, Rapunzel, Peter Pan e Gato de Botas são colocados em posições limiares, que transitam entre o bem e o mal, representando vítimas mais próximas da maldade.

Em outro texto a maldade é personificada pelo Lobo Mau:

⁴Uma referência a Marco Feliciano (PSC-SP), deputado e pastor evangélico, eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara(mar/2013), considerado racista, homofóbico e machista, contrariando os princípios de direitos humanos.

⁵Fundador da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, e proprietário da Rede Record de Televisão.

Era uma vez um edifício encantado... eram vizinhos: o Lobo Mau, as princesas Aurora, Bela, Cinderela e Ariel. Mas, nem tudo eram flores... no meio disso tudo tinha o síndico, garanhão e ...destruidor de corações, o Lobo Mau!

Enquanto supervisionava o prédio, não perdia a oportunidade [...] de ver a sarada da Ariel pegando um bronze na piscina [...] e logo pegava seu Iphone para fotografar o corpinho da princesa. Porém, certo dia ela descobriu que o Lobo colocava suas fotos na web. Revoltada, Ariel bateu à porta de sua vizinha Aurora que tinha acabado de sofrer uma decepção amorosa e por isso estava se acabando em um pote de sorvete assistindo “Crepúsculo”. Nada mais deprê. Conversa vai, conversa vem, apareceu Bela. Sua história era diferente: ela também se envolveu com o Lobo Mau e teve por ele roubado seu Iphone, Ipad, Ipod,⁶ “Icartão de crédito”, “Ivida”...deixando-a lisa, lesa e louca. Para completar e querendo dar uma de espertinho, o Lobo colocou à venda no Mercado Livre tudo que tinha roubado da princesa, via compartilhamentos no Facebook.[...]

Aqui destacamos a presença da tecnologia na menção dos *I-gadgets* e o olhar crítico na referência ao filme “Crepúsculo” e à caracterização da vida: *Ivida, Icartão de crédito*. Fica evidente a necessidade de uma alternativa às ideias generalizadas que se associam à comunicação e à aprendizagem, deixando claro que “quando um docente ensina uma determinada ‘matéria’ não está distinguindo o fenômeno ensinado como uma realidade objetiva”, [...] mas fazendo “distinções linguísticas em um discurso criado e inventado pelo homem”.(DROGUETT, s.d, p. 61).

No Morro do Dendê havia duas funkeiras famosas: MC Ariel e MC Cinderela. Elas disputavam a fama há muito tempo, porém, a queridinha era MC Cindy, pois era casada com o chefe do tráfico no morro, o Sr. Shrek.

Um belo domingo, enquanto o delegado Pinóquio curtia o solzão na Praia da Barra, o barraco rolava solto na rua 420.⁷ MC Cindy acusa MC Ariel de ter um caso com seu marido. Mas, o ciúme não era em vão, pois Cinderela já tinha sido traída várias vezes. Agora, seu desejo era arrancar aqueles falsos cabelos vermelhos de MC Ariel.

Enquanto a gritaria acontecia, os únicos policiais do morro, Tico e Teco, saíram do seu banho de piscina na laje e foram acalmar a multidão enquanto tentavam contactar o delegado Pinóquio. Ariel se defendia alegando que ele a agarrou e que, mesmo assim, selinho não era “gaia”, agora estava solteira e ninguém ia segurar [...].

⁶ Na ocasião da atividade, estava em cartaz o filme “Crepúsculo”, e todos os alunos já utilizavam os aparatos tecnológicos descritos.

⁷ Como 420 se tornou o número símbolo da maconha. Disponível em: <http://www.contextolivres.com.br/2014/04/como-o-420-se-tornou-o-numero-simbolo.html> Acesso em: 30abr.2014.

Outro destaque é a liberdade com que os alunos reúnem personagens da era fílmica (Disney - EUA) com os da Carochinha (Europa) em um único “enredo”. Além da utilização dos personagens limiares – Shrek, Pinóquio e Tico e Teco – notamos também a transformação das princesas, modelos de virtudes que habitam castelos, em personagens típicas do cotidiano que enfrentam problemas diários e vivem nos subúrbios.

Bahktin afirma que em sua existência histórica uma obra estabelece contatos estreitos com a “ideologia cambiante do cotidiano”, impregna-se dela, alimenta-se de novos elementos para poder viver nesta época. (BAKHTIN, 1999, p. 119). Nas recriações analisadas, os jovens, muitas vezes criticados por não desligarem seus “I-tudo”, mostram uma capacidade criativa e inventiva autônoma ao retratarem a sociedade em que vivem, transpondo personagens arquetípicos para a vida real.

Em alguns textos a localização das situações é o que nos chama atenção, como neste em que o grupo “fez questão” de especificar os locais na cidade do Recife onde o enredo se desenvolveu, indicando ser um aspecto importante na atribuição de sentidos.

Era uma vez quatro amigas que se conheceram no bate-papo da Uol. Semanalmente elas se encontravam no bar da Kelly⁸ para conversarem sobre os problemas das suas vidas. O garçom preferido era Peter Pan, menor de idade explorado pelo dono do bar. Branca trabalhava na casa dos sete universitários, sem carteira assinada e sem receber horas extras. Assim que ficou sabendo do PEC⁹ das empregadas pela TV resolveu processar os sete universitários. Já Rapunzel, depois de uma desilusão amorosa, tornou-se uma cabeleireira com vários processos nas costas, após uma cliente morrer por causa do alto teor de formol na progressiva.

Tanto Branca como Rapunzel andavam muito preocupadas com a saúde de Alice e de Bela que estava viciada em remédios para dormir, como Rivotril. Já Alice estava devendo aos traficantes da comunidade Suvaco da Cobra e sendo ameaçada de morte.

Um belo dia [...] uma mulher se aproximou delas no bar da Kelly oferecendo um fim para todas as suas frustrações: uma viagem para a Turquia.¹⁰ Decididas a mudar de vida, aceitaram o convite e foram trabalhar na boate Kiss. Para sempre.

⁸ Bar muito frequentado nos arredores da UFPE.

⁹ PEC das empregadas domésticas, Emenda Constitucional n. 72/2013.

¹⁰ Referência à temática social da telenovela *Salve Jorge* (2013), que tratava do tráfico de mulheres.

Ainda que os contos de fadas sejam constituídos por arquétipos dos valores da sociedade ocidental, observamos que as releituras realizadas, mesmo mantendo os padrões de comportamento em muitos casos (quadro 1), também subvertem exemplos de ingenuidade e bondade, como é o caso das princesas. Vemos aqui a literatura funcionando como estímulo para uma consciência crítica do leitor, colaborando para a construção das identidades desses jovens e para o desenvolvimento das suas competências socioculturais. (OLIVEIRA, 2010).

Quadro 1 – Caracterização dos personagens recriados	
Personagem original	Personagem recriado
Lobo Mau	Destruidor de corações/amor de infância de Dunga
Capitão Gancho	Cafetão
Shrek	Traficante
Dunga	Homossexual - limiar
Rapunzel	Ex-mulher de pastor evangélico/ Cabeleireira
Gato de Botas	Traficante - limiar
Cinderela	Prostituta/ funkeira
Chapeuzinho Vermelho	Prostituta
Branca de Neve	Prostituta/ empregada doméstica
Ariel	Prostituta/ funkeira
Aurora	Princesa
Bela	Viciada em remédios para dormir
Alice	Usuária de drogas
Pinóquio	Delegado
Tico e Teco	Políciais
Peter Pan	Garçom
João Pé-de-feijão	Dono de cobertura
Sete anões	Usuários de drogas - limiar

A inversão de valores dos personagens responde a uma ambiguidade que é própria da modernidade tardia. Vivemos em uma época em que mudou o modelo de princesa que sonhava com príncipes encantados. As adolescentes se espelham hoje em modelos alternativos do feminino, produzidos pela mídia, abrangendo desde personalidades batalhadoras que lutam por direitos de igualdade até aquelas não tão virtuosas, que buscam seus espaços por meio da exibição, cultivando comportamentos por vezes considerados vulgares.

A representação do vilão também passa por modificações. Nas recentes animações do mercado cinematográfico, os vilões destilam mais carisma que maldade (SIMÕES, 2013, p. E8), uma ambivalência observada nos modelos de virtude de outras

épocas, confundindo-se com aqueles de esperteza que hoje conquistam popularidade. Nas histórias recriadas, a existência de vilões simpáticos, heróis gays e princesas prostitutas reflete modelos que apareceram nas histórias em quadrinhos contemporâneas, onde os heróis estão até vivendo relacionamentos homossexuais, como é o caso de Hércules e Wolverine em *X-Treme X-Men*.¹¹

Considerações finais

A adaptação da dinâmica de contos de fadas tangencia com uma tendência observada nas práticas literárias contemporâneas. Considerada uma repercussão das características próprias da pós-modernidade, a prática do *mash-up* (mistura, em inglês) (GIRON, 2013, p. 86, 87) tem sido alvo de críticas conservadoras, que a acusa de ser uma subliteratura.

São exemplos as séries norte-americanas, *Grimm* - um suspense policial exibido a partir de fevereiro de 2013,¹² que pretende “manter o equilíbrio entre a vida real e a mitologia”,¹³ produção alemã, lançada em 2014, que conta com um total de 20 episódios adaptados dos contos originais. Observamos que, dada a oportunidade, sem a “cobrança” de uma eventual coerência com a história original, os alunos exercitam a resignificação de conhecimentos estabelecidos que partem da subjetividade de cada um, considerando a imitação das representações vivenciadas no cotidiano. Percebe-se que lhes importa mais o mundo real do que o conto de fadas.

Temos aqui uma pista para melhor compreender como trabalhar os conteúdos disciplinares na medida em que estudar o processo ensino-aprendizagem implica apropriar-se das discontinuidades históricas, aceitando a transitoriedade e efemeridade de conceitos e temporalidades como características de uma época em que o imutável e o repetitivo são cada vez mais inconstantes. (TEDESCO, 1999, p. 205).

¹¹ Pesquisas norte-americanas divulgadas em 2012 apontam o crescimento de 25% da presença de *gays* em histórias em quadrinhos. Fonte: LEAL, Wesley. Botando as garras de fora. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1º março, 2013. Viver, p. E8.

¹² GRIMM (telessérie). **Wikipedia**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimm_\(teless%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimm_(teless%C3%A9rie)) Acesso em: 16jun.2014.

¹³ FURQUIM, Fernanda. +Globosat estreia ‘Os Melhores Contos de Grimm’. **Veja**. 24jan.2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series-anos-2000-2009/globosat-estrea-os-melhores-contos-de-grimm/> Acesso em: 16jun.2014.

O exercício estimulou a interação dos alunos, sugerindo relações com um recente subgênero literário que reconta histórias clássicas no contexto atual. As referências utilizadas na reconstrução das antigas narrativas são aquelas mostradas pela mídia, com a inserção de novas perspectivas e desfechos diferentes dos “ finais felizes ” habituais. Esta reflexão constitui-se em um *work in progress* os resultados obtidos até agora têm se mostrado promissores.

A partir desta experiência, novas análises poderão ser realizadas sob outras perspectivas, contribuindo assim para a ampliação da discussão sobre as representações do cotidiano a partir dos contos de fadas, além de outras expressões da comunicação de massa e de suas contribuições ao processo de ensino-aprendizagem.

Referências

- ARROYO, Miguel. A universidade e a formação do homem. In: SANTOS, Gislene A. (Org.). **Universidade, formação, cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BACCEGA, Maria Ap. **Comunicação e linguagem**- discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed.. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CECCHETTINI, Eliane. Introdução. In: VERAS, Marcelo (Org.). **Inovação e métodos de ensino para nativos digitais**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 9.
- DROGUETT, Juan G. D. Ótica comunicativa da interação em sala de aula. **Revista Educação e Linguagem**. São Bernardo do Campo: UMESP, ano 1, n. 1, p. 61-69, s.d.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22.ed.. São Paulo: Cortez, 1988.
- FURQUIM, Fernanda. +Globosat estreia ‘Os Melhores Contos de Grimm’. **Veja**. 24jan.2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series-anos-2000-2009/globosat-estrea-os-melhores-contos-de-grimm/>Acesso em: 16jun.2014.
- GRACIOSO, Luiz F. Prefácio. In: VERAS, Marcelo (Org.). **Inovação e métodos de ensino para nativos digitais**. São Paulo: Atlas, 2011, p.ix.
- GIRON, Luís A. Orgulho, preconceito e...sangue. **Época**. n. 779. 1abr.2013. São Paulo: Globo, 2013. p.86-87.
- GRIMM (telessérie). **Wikipedia** Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimm_\(teless%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimm_(teless%C3%A9rie))Acesso em: 16jun.2014.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4.ed.. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LEAL, Wesley. Botando as garras de fora. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1mar.2013. Viver, p. E8.

LEMOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**.4.ed.. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação do novo século. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-80.

_____. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. **Nómadas**, Bogotá, n. 5, p. 10-22, 1996.

OLIVEIRA, Patrícia S. T. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 2010. 62f. Monografia (Curso de Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-98.

REIS, Simone de C. **“Abracadabra...”**: a palavra nos contos de fadas. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Letras, CAC. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SIMÕES, Marina. Os vilões já não são mais os mesmos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 jul. 2013. Viver, p. E8.

TEDESCO, João C. **Paradigmas do cotidiano** - introdução à constituição de um campo de análise social. Santo Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

TILIO, Rogério. Revisitando a análise crítica do discurso: um instrumental teórico-metodológico. **E-escrita. Revista do Curso de Letras da Uniabeu**. Nilópolis, v. 1, n. 2, mai./ago., 2010. Disponível em: http://uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/21/pdf_19Acesso em: abr.2014.

VERAS, Marcelo (Org.). **Inovação e métodos de ensino para nativos digitais**. São Paulo: Atlas, 2011.